

Alexandre Garcia

Extravagâncias

A política brasileira - incluindo “extravagâncias” do Judiciário, como qualificou o ministro aposentado do Supremo, Marco Aurélio Mello - já ultrapassou os limites da Praça dos Três Poderes e ganha o mundo. Além do futebol e carnaval, temos as “extravagâncias”. O editorial da edição de domingo de The Wall Street Journal, confirma essa expansão para o mundo. É o diário de maior reputação nos Estados Unidos, sendo conhecido como The Journal. Ou seja, é “o jornal”, publicado pelos criadores do índice Dow Jones e tem a idade da nossa república. Pois o editorial entrou no varejo do Supremo, com o caso Filipe Martins, instando Trump investigar com transparência a falsificação da entrada de Martins nos Estados Unidos e afirmando que ele deveria estar em liberdade.

Na Europa vai ser lançado semana que vem um documentário com cerca de duas horas sobre o Supremo brasileiro, produzido pelo jornalista português que ficou detido quando veio participar de manifestação na Paulista. Volta e meia o Washington Post dá opinião criticando a suprema corte brasileira. E Trump dá ao Brasil um tratamento especialmente duro, deixando claro que é por causa da “caça às bruxas”, uma perseguição à direita brasileira, e por falta de transparência na apuração de eleições. Depois de amanhã entra a tarifa de 50% sobre as importações americanas do Brasil e, além disso, paira sobre algumas cabeças, como espada de Dâmoques, a Lei Magnitsky - que todo jornalista já pronuncia com familiaridade.

Por aqui, vamos ajudando a inflar esse noticiário estrangeiro. O Presidente, todos os dias, desafia, debocha, provoca o presidente dos Estados Unidos. Parece desejar ter uma desculpa para todos os males provocados por sua administração, desde a falta de picanha até os juros, a dívida gigantesca e os déficits. No Supremo, o Ministro Mo-

raes recrudesce a cada dia. Até nos detalhes, como não admitir militar fardado em audiência. Se a intenção de Hélio Negão, ao acampar na Praça dos Três Poderes, era jogar uma isca para ver se Moraes a abocanharia, o deputado viu que o Ministro a mordeu e mastigou a Constituição. Não deu a mínima para os pétreos direitos de reunião, manifestação, ir e vir e ainda mandou o Governador tirá-lo de lá, mesmo que Ibaneis Rocha tivesse que deixar a cama, como aconteceu. Não foi inédito; esses direitos já haviam sido infringidos na pandemia - e por prefeitos! A remoção do Deputado Hélio Negão das proximidades da Câmara Federal foi incluída no Inquérito das Fake News, de 2019. Profético, o Ministro Marco Aurélio o apelidou de Inquérito do Fim-do-Mundo, o que se confirma pelos mais de seis anos de prorrogações e por não ter tido a iniciativa essencial do Ministério Público.

As inconstitucionalidades são conhecidas há anos; conhecidas da mídia, da OAB, dos juristas, dos professores - mas estão escondidas nas consciências. Vergonha nossa estarem essas extravagâncias nos principais jornais americanos, europeus, mas não nos nossos com a veemência com que devam ser tratadas infrações graves a direitos fundamentais. Vergonha nossa estarem na boca do Secretário de Estado e do Presidente americano, mas não na boca do Presidente da OAB nacional ou do Presidente do Senado. Com o Senado omissor, um deputado foi pedir socorro a Trump. Alegam que Trump ataca nossa soberania, mas não mostram soberania suficiente para defender a própria Constituição, a maior das leis, a que limita o poder do estado para que a nação seja livre para pensar, debater, criticar, fiscalizar, eleger. Agora temos uma extravagância política: um chefe de estado estrangeiro defendendo direitos previstos na nossa Constituição sem ter jurado defendê-la - como jurou Lula.

PINGA-FOGO

■ 7 DE SETEMBRO VAI SER EXCLUSIVO - Ao desembarcar no aeroporto do Galeão, nesta quarta-feira, 20 de agosto, o pastor Silas Malafaia aproveitou a presença da imprensa e fez uma convocação para as manifestações no próximo dia 7 de setembro, que cairá em um domingo: “Alexandre de Moraes, você vai ver como será a reação do povo no próximo dia 7 de setembro! Eu sou um líder religioso e não bandido. Não tenho nada a esconder, entreguei o meu celular e dei a senha. Até o meu caderno com anotações bíblicas foi confiscado”.

■ A data da Independência brasileira ocorrerá este ano durante o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, que começará no dia 2 e terminará no dia 12, com o 7 de setembro no meio, data usada pela direita para as manifestações cívicas. O ministro Cristiano Zanin, ao determinar a data do julgamento, não deve ter percebido a coincidência, ou seja, acabou acendendo um fósforo no meio de um paiol de pólvora.

■ PENSAM IGUAIS - A senadora Tereza Cristina fez questão de cumprimentar o governador do Rio, Cláudio Castro, no jantar que selou a Federação PP e União Brasil, em Brasília, na última terça, 19. “Governador, o senhor me emocionou ao dizer que devemos colocar o projeto político do Brasil acima das nossas ambições pessoais”, disse a senadora a Castro depois dos discursos.

■ ALINHAMENTO PLANETÁRIO - Qualquer projeto de união dedutiva na política do Rio passa pela definição do cenário nacional. Se Gilberto Kassab ungir como seu candidato a presidente o Governador Tarcísio de Freitas, o alinhamento planetário da política fluminense será automático. Até lá, a ordem única é de uma convivência sem ataques e respeito.



O vereador Pedro Duarte (Novo) presidiu sessão solene na Câmara do Rio, nesta quarta-feira (20), em homenagem ao Dia do Maçom. O evento teve a presença de cerca de dez lojas maçônicas



Marco Paes tomou posse como Venerável Mestre, ou seja, líder da Loja Maçônica



A cerimônia contou com a presença de irmãos da Ordem

Sessão Magna de Instalação e Posse

A Loja Maçônica Conselheiro Macedo Soares nº 2046, do Grande Oriente do Brasil – Rio de Janeiro, empossou Marco Paes como Venerável Mestre em Sessão Magna realizada no último

dia 12 de agosto de 2025, às 19h30, na Casa do Rito Brasileiro, no Alto da Boa Vista. A cerimônia contou com a presença de irmãos da Ordem e foi encerrada com um ágape fraternal.

■ AGENDA NO RIO - A ministra das Mulheres, Márcia Lopes, estará no Rio de Janeiro, nesta sexta-feira (22), onde participará da inauguração do Novo Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM), em Niterói, e da abertura da 5ª Conferência Estadual de Políticas para as Mulheres do Rio de Janeiro

(5ª CEPMRJ). Articulada pela Secretaria de Estado da Mulher e pelo Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, a 5ª Conferência Estadual de Políticas para as Mulheres do Rio de Janeiro (5ª CEPMRJ) deve reunir cerca de 450 delegadas, além de representantes governamentais e da sociedade civil.

■ NOVO COMANDO - O 38º Batalhão de Polícia Militar, que engloba cidades da região Centro-Sul Fluminense tem uma nova comandante. A Tenente Coronel Celma Jansen assumiu o cargo nesta quarta-feira (20) e se tornou a primeira mulher no comando da corporação. A cerimônia de posse foi realizada na sede do 38º BPM.

Fernando Molica

Vichy e a opção bolsonarista

Ao culparem o governo e o Supremo Tribunal Federal pelo aumento das retaliações norte-americanas e pela queda das ações de bancos, bolsonaristas indicam que, na II Guerra Mundial, criticariam os franceses que resistiram à ocupação nazista: afinal, eles estariam cometendo o desatino de provocar a Alemanha de Hitler, uma potência econômica e militar.

Por essa lógica, estaria certo o marechal francês Henri Philippe Pétain, que instalou na estação de águas de Vichy um governo fantoche e colaboracionista. Um gabinete vergonhoso, que ajudou os nazistas com a criação de leis antisemitas, deportou judeus e outros indesejados para campos de concentração, forneceu mão de obra para indústrias alemãs e chegou a mandar soldados para lutar ao lado das tropas de Hitler.

Pétain fez de tudo para agradar o invasor, para não irritá-lo, não provocá-lo. O que importava não era defender a soberania nacional francesa, a integridade do seu território, a autonomia de suas instituições, a democracia, a altivez de seu povo — diante de um inimigo poderoso, o melhor a fazer seria fazer tudo que ele mandasse.

Errados, portanto, seriam os integrantes da Resistência, homens e mulheres não apenas franceses que arriscaram suas vidas — incontáveis deles foram

torturados e mortos — para dificultar o avanço e a consolidação do poder nazista. Eles resgataram prisioneiros, sabotaram pontes, estradas e prédios, repassaram informações aos exércitos aliados.

Resistiram ao ditador que se impunha pela força, que desprezava e invadia outros países, que discriminava e mandava eliminar pessoas de origem étnica-religiosa não compatível com a ideologia nazista; assassino que desejava construir um império de alcance mundial, que não admitia discordâncias ou manifestações de independência.

O exemplo de ode à submissão vale para qualquer outro episódio que envolva relações entre opressores e oprimidos. Escravizados certamente ouviram que era melhor obedecer para não serem vítimas de novos e mais cruéis castigos. Quantas mulheres já não foram aconselhadas a ficarem caladas diante de agressões de companheiros?

É razoável discutir o efeito prático da decisão do ministro Flávio Dino, do STF, que desconheceu a subordinação de empresas e cidadãos brasileiros a leis estrangeiras. O mundo é bem mais complicado, bancos aqui sediados têm negócios nos Estados Unidos, não será fácil cumprir a determinação judicial. Mas o gesto foi importante para ressaltar a soberania do país, que não pode tratado como uma espécie de

mega Porto Rico, praticamente uma colônia norte-americana.

Bolsonaristas têm o direito de reclamar do STF, da Procuradoria-Geral da República, do presidente Lula. Chega a ser escandalosa, porém, a aliança com interesses estrangeiros, é inaceitável que um deputado federal, no caso, Eduardo Bolsonaro, comemore atos de chantagem cometidos pelos Estados Unidos, que confesse trabalhar para que a corda aperte ainda mais nossos pescocinhos; que não se envergonhe em usar o poder norte-americano para ameaçar o Brasil e suas instituições.

Apenas a hipocrisia que regere relações internacionais permite que Donald Trump fale em respeito aos direitos humanos por aqui: ele que deporta imigrantes para o centro de tortura de El Salvador, que manda prender outros estrangeiros em prisão desumana na Flórida, chamada de “Alcatraz dos jacarés”.

A história é implacável. Transformado em símbolo da expansão nazista, o verso “Deutschland über alles” (“Alemanha acima de tudo”, veja só) acabaria, depois da guerra, sendo retirado do hino nacional alemão. O marechal Pétain foi condenado à morte por sua colaboração com o invasor; a pena foi convertida em prisão perpétua. Ele morreu na cadeia, seu nome permanece associado à covardia e à traição.

Tales Faria

Brasil vê risco bélico em Trump

É preciso levar a sério as investidas do presidente dos EUA, Donald Trump, sobre a América Latina.

Essa é a avaliação passada ao Palácio do Planalto pelo Itamaraty a propósito das recentes atitudes de Trump em relação à região. Tanto suas decisões econômicas como as movimentações militares.

Não há ainda uma posição fechada do governo brasileiro, mas cresce a avaliação de que Trump está atuando no sentido de evitar que a China avance sobre o Continente. E que ele está disposto a colocar em jogo peças militares para evitar este avanço.

Para Trump, são sinais do grande aumento da influência chinesa o incremento das relações econômicas do bloco dos Brics com os países da região e a aproximação cada vez mais estreita da própria China com a Venezuela.

A ameaça de operações com navios próximos à costa venezuelana é entendida por uma parcela do governo brasileiro como um recado para a China e até mesmo para o Brasil. Um recado que não pode ser ignorado ou tratado como algo sem consequências.

Além de manter relações cada vez mais estreitas com a China, a Venezuela tem contado com o apoio deste país, junto

com a Rússia, para se integrar ao Brics. Este bloco de países, do qual o Brasil faz parte, é visto por Trump como o maior adversário hoje dos Estados Unidos na geopolítica internacional.

No Palácio do Planalto há também o temor de que Trump esteja em busca de um inimigo externo para minorar a queda de popularidade que vem enfrentando em seu país.

Um atrito com a Venezuela poderia trazer dividendos eleitorais para Trump, mas teria repercussões perigosas no Brasil. Os dois países têm 2.199 quilômetros de fronteira terrestre. Na semana passada, o governo dos EUA chegou a admitir que ordenara a movimentação de navios na região para supostamente conter grupos de narcotraficantes. Mas depois negou informações da agência Reuters de que três navios de guerra e cerca de 4 mil militares chegariam às águas territoriais da Venezuela nas próximas 36 horas.

O presidente venezuelano, Nicolás Maduro, reagiu. “Nenhum império tocará o solo sagrado da Venezuela, nem deve tocar o solo sagrado da América do Sul”, discursou na terça-feira, 19, quando anunciou a possível mobilização de 4 milhões de milicianos.

O presidente norte-americano vem dando sinais de que também pode estar se prepa-

rando para utilizar medidas de força em seu próprio país, como o envio de militares da Guarda Nacional para Washington.

No sábado, 16, os governadores de três estados aliados anunciaram o envio de centenas de soldados à capital do EUA a pedido do presidente.

Trump chegou a declarar que assumirá o controle da segurança local por causa de um suposto aumento da criminalidade.

Washington é um distrito federal autônomo sob jurisdição do Congresso dos EUA. Dados do próprio Departamento de Justiça apontam que os crimes violentos no ano passado atingiram o nível mais baixo em 30 anos.

O mesmo argumento da criminalidade ele está usando para os países da América Latina. Trump chegou a apontar Brasília como exemplo de cidade dominada pelo crime quando anunciou estado de emergência na segurança pública de Washington.

Por tudo isso e mais outras atitudes belicosas do presidente norte-americanos sobre os países da América Latina, como México e Colômbia, incluindo decisões econômicas injustificadas, como no tarifaço, há um temor crescente de que Trump esteja apenas à procura de um bode expiatório para se fortalecer internamente no EUA.